

DA ESCRAVIDÃO NA ANTIGUIDADE ÀS SUAS CHAGAS *EM PRECES E SÚPLICAS OU OS CÂNTICOS DA DESESPERANÇA*, DE VERA DUARTE

¹Everton Vasconcelos Pinheiro

²Rita Barbosa de Oliveira

RESUMO: Este artigo é proveniente de uma comunicação aprovada no XV Congresso Internacional da ABRALIC. Propõe-se, neste trabalho, relacionar a prática da escravidão na Antiguidade com a colonização europeia na África, a partir do séc. XV, e mostrá-la na poesia de Vera Duarte no livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005). Emprega-se como principal orientação teórica o livro de José Guimarães de Mello, *Negros e escravos na Antiguidade* (2003). A perspectiva da poetisa mostra que a escravidão agora toma formas diferentes, pois os negros sofrem a indiferença de grande parte dos membros da comunidade e não possuem voz, tendo em vista que muitos de seus direitos continuam a ser desrespeitados.

PALAVRAS-CHAVE: Vera Duarte; poesia de Cabo Verde; pós-colonialismo; escravidão.

ABSTRACT: This paper comes from a communication approved in the XV International Congress of ABRALIC. This work proposes to connect the slavery practice in ancient times with the European colonization in Africa, from the XV century, and shows it in Vera Duarte's poetry, in book *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005). The mainly theoretical orientation will be by José Guimarães de Mello, with *Negros e escravos na Antiguidade* (2003). The perspective of this poetess shows that slavery now get different forms, because the black people suffer indifference from a big part of world community members and they don't have a voice, in view of your rights are usually disrespected.

KEY WORDS: Vera Duarte; Cape Verdean poetry; post colonialism; slavery.

A pesquisa em literatura cabo-verdiana feita pelo viés da teoria pós-colonial garante leituras aplicáveis a questões atuais da sociedade. Também, a poesia de autoria feminina, além de dar voz à expressividade aos povos da África, como é o caso do livro analisado neste artigo, de Vera Duarte, poetisa cabo-verdiana, *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005). A temática abordada neste livro de poemas abrange tanto a terrível história da escravidão dos negros durante o processo de colonização perpetrada pelos europeus, quanto a subalternização das mulheres nas organizações sociais da África e, por extensão, a outras classes marginalizadas de povos de diferentes partes do planeta. A poetisa expressa de maneira gradual esses grupos menos providos de reverberação social, desprovidos de voz. A crítica da teoria pós-colonial torna os poemas em claros apelos à

¹ Mestrando em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: evpinheiro55@gmail.com.

² Doutora em Letras – Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, adjunta no Departamento de Língua e Literatura Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP. E-mail: ritapsocorro@gmail.com.

sociedade para a conscientização das mazelas sociais que perduram desde os tempos da escravidão contra os pobres, marginalizados e silenciados.

Neste artigo, compromete-se em analisar, na linguagem poética de Vera Duarte, confissões e denúncias, dando visibilidade, não somente no campo acadêmico, mas também na sociedade em geral. Pesquisa-se a escravidão na Antiguidade, seguindo pela Era Moderna até a Contemporaneidade, para discutir que, de modos diferentes, a escravização persiste. O livro de suporte para o estudo sobre a escravidão desde a Idade Antiga é *Negros e escravos na Antiguidade* (2003), de José Guimarães Mello. A metodologia de análise e orientação teórica é composta pelos autores da teoria pós-colonial, com Thomas Bonnici, em *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura* (2012), e Gayatri Spivak, com *Pode o subalterno falar?* (2010). Assim, as análises dos poemas de Vera Duarte serão guiadas pela temática da escravidão, suas causas, consequências e sua nova forma na sociedade atual.

ESCRavidÃO: DA ANTIGUIDADE ÀS COLONIZAÇÕES EUROPEIAS NO SÉC. XV

A temática da escravidão não é somente aplicável a análises históricas, memorativas ou de referências. Longe disso, essa tão antiga e vil prática tomou novas formas na modernidade e alguns de seus aspectos nunca mudaram. José Guimarães de Mello, em *Negros e escravos na Antiguidade* (2003), discorre a respeito de como se originou e instaurou o preconceito social nas relações sociais humanas e que, por consequência, resultou na escravidão.

A razão do homem pensar em subjugar, controlar, explorar e abusar de outro ser humano vem da ideia de poder. Quando se tem poder e, por isso, se é tomado pela soberba e pela cobiça, se pode fazer qualquer coisa que exceda os limites da boa convivência, pois, “o homem conhece o poder pela força” (MELLO, 2003, p. 15). Subjugar os mais fracos, fazê-los obedecer e servir aos mais fortes foi um dos pensamentos que levaram a humanidade a conceber a escravidão, segundo Mello.

A diferenciação entre fraco/forte traz em si a concepção de superioridade de uns sobre outros. Ora, se há um superior, há também um inferior. “Nessa noção de superioridade estava naturalmente embutida a noção de inferioridade, como só acontece na lei dos contrários” (MELLO, 2003, p. 16). Essa superioridade presumida pela força, logo, o poder, fez os poderosos pensarem em si como demiurgos, seres não divinos, mas próximos dos deuses, com função de gerenciar, controlar e organizar o mundo. Como diz

Mello, um “demiurgo tem súditos, deve ser temido, adorado, venerado, pois é como os deuses, tem poder” (MELLO, 2003, p. 16).

Estabeleceu-se, portanto, a estratificação entre dominador e dominado, servo e senhor. (MELLO, 2003, p. 17). Nesse ponto, Mello esclarece que essa mentalidade foi vivida e passada adiante na história pelos povos bíblicos, quando o povo de Israel foi escolhido para ser “servo e escravo do Senhor Deus de Abraão, de Isaac e Jacob” (MELLO, 2003, p.17). No entanto, isto não era ainda escravidão, embora a justificativa de povo eleito lhe desse por vezes direitos sobre outros povos, e Deus, nas escrituras, lhe tenha dado a vitória sobre as outras nações. Algumas delas, não sendo dizimadas, se tornavam tributárias ou tinham seus cidadãos escravizados.

O levantamento histórico sobre a escravidão no mundo, realizado por Mello, mostra, na data mais antiga, a escravização sendo registrada e regulamentada com os mesopotâmios desde o século XXII a.C. (MELLO, 2003, p. 27). Tais dados nos revelam a existência da escravização de homens sobre semelhantes seus, isto é, de mesma etnia, mesmo povo, de mesmas crenças, no entanto, o termo escravo nos remete, na contemporaneidade, à sujeição forçada dos negros aos brancos. A comercialização de negros pelos brancos europeus iniciou na África no séc. XV, com as colonizações.

O livro de Mello também discorre sobre o preconceito e como a humanidade aderiu a essa prática. O preconceito inicial nasceu por vias religiosas, da crença de que os homens poderosos tinham aproximação com o divino pelo poder que possuíam, poder advindo da força ou da violência exercidos e, por conseguinte, os tornava temidos (MELLO, 2003, p.16). Segundo o estudo feito por Mello, o preconceito oriundo da religião, da dialética entre cristão *versus* pagão, gerou o preconceito racial, pois, “por mais que pareça paradoxal, o preconceito, inicialmente criado contra os negros, fora muito mais de ordem religiosa que racial” (MELLO, 2003, p. 21-22).

Obviamente, a escravidão tem origens profundas, no entanto, as causas sempre levam ao entendimento de estratificação, de superioridade e inferioridade, do preconceito proveniente de condições diferentes concebidas por melhor e pior. Desse modo, compreendemos que há um duplo preconceito sustentando a escravização na África. O religioso cristão, em que os brancos defendem a ideia de que são iluminados e salvos por Cristo, de que são também ricos e civilizados e estão acima dos outros povos, enquanto os negros são acusados de pagãos, que vivem nas trevas sem o cristianismo, e de que são selvagens animalizados, não-civilizados, e por isso devem ser dominados.

Aplicou-se tal justificativa também aos índios brasileiros, quando, “em nome das missões religiosas, assistiu-se a uma escravização em massa (...) os índios da América e os negros da África” (MELLO, 2003, p. 21). Discorrer sobre a escravização dos povos das Américas desviaria nosso foco, no entanto, é bastante válido citar. Quanto aos povos da África, os próprios religiosos, muitos deles, saíam em defesa da ideia de que os negros eram pouco mais que animais, pois “não eram tão humanos”, além de serem “maus de nascença”. Mello cita a alegação de alguns padres de que “os negros eram naturalmente maus (...) mostravam a evidência de sua constituição simiesca” (MELLO, 2003, p. 22).

A escravidão no início da Idade Moderna deu-se exclusivamente por força de trabalho em prol do capitalismo-mercantilista das potências europeias. Junto com esse propósito, a escravidão moderna agregou preconceitos e, mesmo que já abolida, suas consequências reverberam ainda em forma de preconceito de raça, cor e religião. A ideia de superioridade e inferioridade nunca foi superada, apenas atualizou-se, assumindo outras formas na Contemporaneidade.

A TEORIA PÓS-COLONIAL

A teoria pós-colonial situa-se no eixo político-ideológico tangente à produção literária de países que sofreram males históricos provenientes do imperialismo. Thomas Bonnici apresenta, no livro *O pós-colonialismo e a literatura* (2012), os aspectos desta teoria e a propõe como método para analisar as literaturas de países que foram colônias europeias. O autor afirma que, anteriormente à prática literária baseada no pós-colonialismo, a produção literária dos “povos colonizados se deu como uma imitação servil de padrões europeus”, produto de colonização cultural. (BONNICI, 2012, p. 17).

Sob a luz de terminologias a respeito do que vem a ser a teoria pós-colonial, Thomas apresenta distinções entre o “colonial”, sendo este termo distintivo do período pré-independência, e “moderno” ou “recente” para distinguir o período de independência ou emancipação política. Segundo Ashcroft et. al. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1991 apud BONNICI, 2012, p. 19), não há consenso sobre o termo “pós-colonial”, todavia ele é usado para remeter à cultura dos povos construída sob a influência imperialista desde a colonização até a atualidade da nação, politicamente autônoma.

Bonnici apresenta outro conceito de literatura pós-colonial: “toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século 15 e o 21.” (2012, p. 19). Entendida dessa forma, todos os povos dos territórios que foram submetidos a condição de colônias, ou francesas, ou inglesas, ou portuguesas, ou espanholas, possuem

literatura pós-colonial. As Américas estão compostas de nações com literaturas construídas sob a influência indireta do imperialismo e culturas nativas fundidas com o eurocentrismo. Todas elas originaram-se da experiência da imposição do poder imperial por meio da colonização.

Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?* (2010), mostra a subalternização a que o ser humano pode ser submetido. Spivak contribuirá nas análises a seguir pois, para ela, a figura da mulher negra é duplamente oprimida e, assim como os demais subalternizados, não tem direito à voz na sociedade. Fazendo uma referência à analogia militar de Foucault, em que os homens são os soldados, as mulheres são os prisioneiros em recrutamento, e os homossexuais os doentes em um hospital, Gayatri afirma que, as mulheres são, para ela, o “subproletariado urbano” e “se encontram em dupla obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 70).

Na visão de Spivak, se incluem como subalternos todas as classes marginalizadas pela dominante, todas as que são silenciadas pelo capital, religião, gênero e raça. Sua problemática proposta sobre o sujeito subalterno em sua representatividade ocidental baseia-se em fatores políticos, econômicos e sociais do mundo atual. Em suma, o seu posicionamento geral afirma que o subalterno, tendo sido colonizado, não possui história, configurando um sujeito heterogêneo.

Portanto, na teoria pós-colonial, discute-se a hierarquização, na qual o colonizado torna-se objeto para o sujeito colonizador, formando a dialética do dominador e do subalterno. O oprimido é sufocado pela imposição moral, estética, política, social, em que o opressor julga as ideias impostas superiores, por isso a incute na sociedade colonizada, e este mesmo pensamento persiste mesmo após a independência da colônia. O subalternizado ainda o será enquanto compreender e aceitar a hierarquia cultural como verdadeira e sólida.

VERA DUARTE, OS ESCRAVOS, AS PRECES E AS SÚPLICAS

A poetisa cabo-verdiana Vera Duarte, no livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), denuncia a escravidão a fim de dar expressão e voz ao homem vitimado. É um livro que presta a homenagem de Vera Duarte à nossa “ancestralidade africana”. (DUARTE, 2005, p. 7). Esse livro foi escrito, segundo a autora, após uma visita à ilha de Goreé, em Senegal, à Casa dos Escravos, atualmente um museu, antes, um dos maiores centros de tráfico negreiro. Assim veio sua inspiração poética, escreveu esses poemas “molhados por lágrimas de desespero e tristeza infinita” (DUARTE, 2005, p. 7),

pois “de repente (...) [viu-se Vera] perante um grupo de poemas a pedir (...) publicação” (DUARTE, 2005, p. 17, colchetes nossos).

O livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (DUARTE, 2005), é dividido em seções de poemas: “Primeiro as súplicas...”, “Agora... as Sete preces”, “Poemas do antigamente e de hoje... ainda!” e “Cântico final e redentor”. Cada uma dessas partes seccionadas abriga poemas, dos quais destacaremos, duas das três súplicas e quatro das sete preces. O livro em geral trata, de forma poética, temas diversos, entre eles a Aids (ou Sida), a mulher, os males sociais do mundo em nível global, junto com a lembrança das mortes causadas pela escravização e toda a dor dela proveniente.

A escravidão, mais especificamente, é o veio principal dessa publicação de Vera. Afirmamos isso não somente pela inspiração poética em memória aos negros mortos no passado, mas também como expressão de um povo que nunca teve oportunidade de expressar a sua posição, suas dores, suas indignações, a injustiça e a violência contra si praticada em diferentes formas no mundo atual.

No poema *Em Goreé eu chorei*, classificado como *Sétima e última prece* (DUARTE, 2005, p. 89), dedicado a Nelson Mandela, registra-se o testemunho de dor da ancestralidade africana. O eu-lírico – intimamente conectado não somente à autora, mas a todos os negros e descendentes de negros, levando em conta a própria ancestralidade a qual Vera faz parte, relata a experiência em Goreé, em tom gradativo e denunciativo, como testemunha. Nos versos “Em Goreé eu chorei/ (...) Em Goreé me inclinei/ sobre os ossos de gente que não viveu” (DUARTE, 2005, p. 89), a fala sobre os restos mortais afirma a subvida à qual os negros eram submetidos, à escravidão e ao tráfico negreiro. Tal assertiva deixa claro que viver na escravidão não é viver.

Ainda na sétima prece, a quarta estrofe traz os versos “Em Goreé/ sucumbi/ à dor do desamor/ à violência do chicote/ à vergonha atroz da humilhação” (DUARTE, 2005, p. 89), o eu-lírico revive em si as dores e todos os violentos maus-tratos pelos quais os negros passaram, e sente de modo a testemunhar o ultraje que os ancestrais passaram sem direitos e sem esperanças. Todo o mal do imperialismo contra os negros da África se torna vivo outra vez, sendo impossível ignorar.

O eu-lírico modifica o tom da denúncia no poema *Noite de San Jon* (DUARTE, 2005, p. 51), sendo a primeira das três súplicas. A lamentação vem pela constatação da desigualdade, contida nos versos “Minha cabeça/ (pobre cabeça)/ curvada abatida em abatimento tamanho...” (DUARTE, 2005, p. 51). Ao prosseguirmos a leitura desse poema, “Tenho casa água luz e luxo/ como boa comida em boa mesa” (DUARTE, 2005,

p. 51), sentimos a preocupação e o abatimento da “pobre cabeça” em sentir a desigualdade comprovada: “há homens que não têm água/ há homens que não têm luz/ há homens que não têm casa/ há homens que não têm nada” (DUARTE, 2005, p. 52).

A dor da poetisa diante da impotência torna-se lamento e súplica, como consta nos versos “Meus olhos magoados cansados pisados/ da dor mal sofrida/ e da impotência tamanha” para comprovar o peso da culpa em que só resta lamentar pela desigualdade e injustiça social. (DUARTE, 2005, p. 52).

Na terceira súplica, denominada *Cantaremos* (DUARTE, 2005, p. 57), podemos destacar a escravização. A África é evocada, e o eu-lírico reporta-se a ela como um ser personificado: “Ao longo de séculos da história/ foste o continente do ouro e do sabão/ e teus filhos os filhos da fome e do chicote” (DUARTE, 2005, p. 57). O eu lírico narra a chegada dos europeus cheios de cobiça e violentos: “então vieram caravelas/ trazendo homens de cor estranha/ (...) que cobiçaram a força simples/ dos teus filhos perfeitos” (DUARTE, 2005, p. 57). Na perspectiva da poetisa, os europeus eram homens de cores estranhas, não eram filhos da mãe-África, cujos filhos menosprezavam, mas queriam sua força para o trabalho para a escravização.

O poema segue de maneira categórica a denúncia da objetificação e subalternização a que os filhos da África foram submetidos. Nos versos da quarta estrofe há imagem da prática da escravização se consolidando, registrada em: “e descendo um a um/ os degraus do vício da corrupção e da traição” (DUARTE, 2005, p. 57). É necessário destacar que o tráfico exercido em Goreé, bem como em alguns outros países alvos do tráfico negreiro era praticado por europeus e também por próprios negros seduzidos pelos brancos: “começaram a comprar e vender teus filhos/ não mais homens/ não mais africanos/ abjetamente escravos” (DUARTE, 2005, p. 57). Assim ampliou-se o processo de dominação do imperialismo em vias de ganho de mais poder e dinheiro.

No poema *Esta canção desesperada*, classificado como *Prece quinta* (DUARTE, 2005, p. 83) e a quem a poetisa dedica *in memoriam* a Sérgio Vieira de Mello, brasileiro do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que faleceu, junto com outras pessoas, vítima de atentado cometido contra a sede da ONU em Bagdá em 2003. A poetisa novamente revive diversos massacres contra negros em várias partes do mundo. O poema traz os “campos de refugiados do Ruanda”, “ruas de Bissau”, “corpos mutilados das valas de Burundi”, “Conacry” (DUARTE, 2005, p. 83), e segue: “Hoje estou aqui/ entre mártires e traidores/ entre bandidos e inocentes/ entre hipócritas e

fariseus” (DUARTE, 2005, p. 83). A ancestralidade negra evocada acusa o silêncio dos espectadores do mundo perante os vários genocídios e mortes em massa contra os negros.

Ainda revivendo as experiências dos negros, a poetisa, representando todos os negros de todas as épocas, declara trazer “presa na minha garganta/ esta palavra de dor/ entranhado na minha carne/ este destino implacável” (DUARTE, 2005, p. 84), destino de morte, de indiferença dos outros, de resignação, “esculpido no corpo/ o troféu desta derrota” (DUARTE, 2005, p. 84). Assim, a poetisa rememora as mortes causadas pela violência contra o negro em vários lugares, “morri no Saravejo/ e no Camboja/ (...) na Colômbia/ e em Conacry/ (...) no Kosovo/ na Libéria/ e em Sierra Leone” (DUARTE, 2005, p. 84). As mortes citadas pelo eu-lírico remontam a casos da atualidade em que reverbera o descaso, a herança ignóbil de indiferença deixada pelos tempos de escravidão, tempos de negros equiparados a animais, a objetos.

O poema *Vozes sem eco*, classificado como *Prece quarta*, dedicado “aos excluídos da terra”, (DUARTE, 2005, p. 79), fala sobre a voz do negro oprimido, escravizado, segregado e silenciado, no intuito de dar-lhe expressão visível. A poetisa verbaliza, novamente, as dores e males que sente como representante do negro ao longo do tempo e do espaço, como povo subalternizado, não somente africano, mas agora todos os seus descendentes, os pobres, as mulheres violadas, as crianças maltratadas; clama por atenção, pede que ouçam, pois carrega muitos pesares sozinha, e sua fala final é desesperançosa: “O meu sofrimento/ é antigo e multiforme/ E minha morte/ é vã e inglória” (DUARTE, 2005, p. 79), denunciando o desinteresse mundial a respeito da violência contra os negros: “E bato às portas das cidades/ todas as cidades/ Canaãs inacessíveis e longínquas” (DUARTE, 2005, p. 79), questionando sobre onde os negros são respeitados, bem tratados, bem recebidos e levados a sério. Existiria a terra prometida aos negros, aos marginalizados e excluídos da terra?

A intensidade da dor traz à poetisa a sensação de abandono: “Carrego comigo o meu corpo/ Venho sozinho/ carregando o meu corpo” e “Venho sozinha/ carregando este corpo”. Este último se repete três vezes (DUARTE, 2005, p. 79-81) e traz as imagens da violência sobre alguém frágil: “este corpo/ esfaimado/ amputado/ destruído”, “este corpo/ derrubado/ enfraquecido/ moribundo”, (corpo) “de menina infectada/ violada por todos os batalhões”, “de mulher amputada/ pela fúria de rebeldes genocidas” (DUARTE, 2005, p. 79-81). Todas as formas de violência contra negros, pobres, crianças e mulheres, a fome, doenças venéreas, estupro, mutilação e genocídios são denunciados nesses versos.

Há também o clamor que solicita atenção: “Ouve-me ó mundo/ ó ricos/ ó poderosos/ ó políticos// Ouçam-me ó corruptos/ ó ditadores/ ó assassinos” (DUARTE, 2005, p. 80). As pessoas chamadas são generalizadas como semelhantes nas ações más, pois nas mãos dos ricos, poderosos, políticos corruptos e ditadores assassinos mantém-se o controle do mundo há muito tempo.

A voz da poetisa ecoa quando denuncia o silenciamento, a indiferença e a omissão: “Oiçam a voz/ de quem não a tem/ Oiçam esse silêncio aterrorador/ que nasce (...)/ do ódio da morte/ da fome e da humilhação” (DUARTE, 2005, p. 81), a voz dos oprimidos e dominados contém ódio, tem fome. Comprova-se em “tenho fome/ tenho sede/ tenho frio/ tenho ódio/ (...) oiçam a minha cólera/ (...) a minha maldição” (DUARTE, 2005, p. 81). Se os oprimidos, marginalizados e abandonados assumissem o poder, ou sua voz não fosse ignorada, seria conhecida sua revolta, seu rancor calado e seu ódio reprimido e não saciado, assim como sua fome.

A poetisa declara sua desesperança: “mas oiçam também/ o imenso abandono/ o sofrimento antigo e indizível/ faminto exangue/ doente/ dilacerado/ eu grito” (DUARTE, 2005, p. 82). E mostra que perdeu as forças: “Mas a voz não sai/ o grito não soa” (DUARTE, 2005, p. 82). A sociedade ainda não permite que essa voz ressoe, ainda abafa a voz dos oprimidos, sejam negros, sejam mulheres, sejam crianças carentes, sejam homossexuais, sejam pobres e miseráveis. A denúncia da poetisa aqui assume proporções coletivas, ultrapassa a violência contra os negros, atinge a todos os marginalizados, oprimidos e subalternizados pelo imperialismo quando diz “a minha voz não tem eco// para mim não há/ - nunca houve -/ nem liberdade/ nem terra prometida” (DUARTE, 2005, p. 82).

Os poemas de *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, de Vera Duarte, aqui analisados permitem ver as sequelas indelévels da escravidão, a prática mais ignóbil do imperialismo eurocentrista de que trata a teoria pós-colonial. Indo além da escravidão dos negros, os poemas denunciam todas as formas de violência dos poderosos sobre as pessoas marginalizadas, inferiorizadas e subalternizadas.

VERA DUARTE, A POESIA DOS EXCLUÍDOS E A ESCRAVIDÃO ATUALIZADA

Não somente os negros sucumbem, mas todos os subalternizados, silenciados, massacrados pelos mecanismos do imperialismo e pelo capitalismo colonizador e explorador do século XXI. A denúncia da escravidão repete-se atualizada, quando os

pobres e marginalizados, demonstrados na poesia de Vera Duarte, são o dínamo e as engrenagens da manutenção das fortunas dos políticos corruptos e dos empresários, pela sua força de trabalho, meio pelo qual são explorados, tal como nos tempos da escravidão.

No pórtico da seção das preces, em *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, há um poema curto e de imenso significado: *Salvé poesia* (DUARTE, 2005, p. 63). O título traz uma palavra cuja escrita não é convencional ao português culto, por assim dizer, pois a palavra *salvé*, pronuncia-se *salve*, e significa uma ordem de salvamento: salvem a poesia. Por que a poesia precisaria ser salva? Pode-se responder com a frase de Roland Barthes de que a poesia é o “logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder” (BARTHES, 1978, p. 16). A poesia é quem dá possibilidade de “voz/ de quem não a tem” (DUARTE, 2005, p. 81). A esse respeito, Carmem Lúcia Secco retoma as palavras de Claude Esteban de que todo poeta deveria saber ler os sinais do mundo e da natureza, os clamores, as dores e convertê-los em poesia, em palavra, para então torná-los públicos. (SECCO, 2005, pp. 23-24).

Em *Salvé poesia*, o eu-lírico assume este papel incumbido à palavra do poeta. “A sensibilidade do poeta/ A terra fez-me sensível/ E penetrei com desespero/ No fundo da miséria dos homens” (DUARTE, 2005, p. 63), diz a poetisa empoderado pela palavra, pela poesia. Ele segue prometendo: “di-lo-ei a todos/ A poesia dos excluídos/ é a beleza grandiosa/ de povos, raças e credos” (DUARTE, 2005, p. 63), pois não há hierarquia de culturas, não há superioridade ou inferioridade de povos ou religiões. O preconceito é a principal herança da escravidão, a estratificação exercida pela escravização nunca deixou de existir, mas precisa, segundo a poetisa, da “holística comunhão” (DUARTE, 2005, p. 63), sendo esta a chave, no sentido total de confraternização entre povos, essa é a esperança que grita por meio da poesia.

Os males da escravidão moderna tomaram novos nomes e novos meios de subsistir na sociedade do século XXI. O trabalho, mesmo que remunerado, passa a ser competitivo, em par com o índice de desemprego. Em muitos países os salários são cada vez menores e os direitos trabalhistas cada vez menos cumpridos e mais negados. O emprego passa a ser somente para a sobrevivência. As chibatadas e os castigos nos troncos passam a ser vexatórios e humilhantes, palavras ferinas e desmoralização verbal são a nova punição imposta aos trabalhadores que necessitam daquele salário. E os empresários, empregadores e muitos políticos assistem a todo esse processo analisando como tirar mais proveito e lucro, gastando sempre menos.

No poema *Habitante do século vinte e um ou a Assilah do nosso futuro*, classificado como *Prece segunda* (DUARTE, 2005, p. 67), a poetisa coloca sete cabeças que precisam cair para que a África seja como Assilah. As cabeças colocadas metaforicamente como sete males do mundo contemporâneo são “A guerra/ A tirania/ A corrupção/ A má governação/ A sida/ A estupidez/ A indiferença” (DUARTE, 2005, p. 71). Esses males fazem perdurar a exploração do governo sobre os povos, exploração de empresários sobre empregados e mantêm o dominador.

No entanto, ao fim da segunda prece, o eu-lírico canta a esperança por ser testemunha do que Assilah se tornou. Assilah, cidade do Marrocos, chamada de Arzila pelos portugueses, colonizada uma vez pelo rei lusitano D. Afonso V e abandonada por D. João III por motivos bélicos, tendo sido feita a última tentativa de reconquista com a investida de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir. Uma vez livre dos ataques do colonizador, Assilah cresceu e tornou-se uma bela cidade alvo de turismo. Assim, a poetisa diz “Assilah foi pobreza e abandono/ Hoje é arte e poesia” (DUARTE, 2005, p. 73). Por causa desse exemplo, a poetisa torna-se otimista: “É a esperança que tem que nascer/ É a esperança que vai renascer” (DUARTE, 2005, p. 73).

O título da *Prece Segunda* associa o século XXI como o tempo da transformação da África em “Assilah do nosso futuro” (DUARTE, 2005, p. 67), chamando à conscientização de que os subalternizados pelo sistema revidem e consigam se reerguer após os males do imperialismo, da escravidão da Modernidade. O preconceito persiste e impõe aos subalternos a categoria de minoria, a fim de sempre manter os que são segregados em posição de exploração passiva.

Enquanto houver a segregação na sociedade, a suposta superioridade dos dominantes continuará provocando discriminação, preconceito, desigualdade social. A escravidão na atualidade constitui-se na exploração, no preconceito não somente contra raças, mas contra todos aqueles que a sociedade segrega e marginaliza. Eles não possuem voz: “Mas a voz não sai/ o grito não soa” (DUARTE, 2005, p. 82). Esses são os que necessitam de libertação, de voz e de inclusão.

A mensagem abstraída do livro *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005), de Vera Duarte, pela leitura proposta nesse artigo é a de despertar. Despertar para recusar as opressões que geram preconceito, exploração, resignação, silenciamento. A fala da poetisa ao se referir à África amplia-se para qualquer país, qualquer grupo de pessoas discriminadas. “Eis-nos aqui África/ e de joelhos sobre esta terra mártir/ por ti/

por nós/ por todos/ cantaremos hinos de súplica e esperança” (DUARTE, 2005, p. 59). Então, o grito é por todos, os cânticos são de esperança para todos.

Assim, a poetisa cabo-verdiana acolheu as dores, preces e súplicas do seu povo, dos menos afortunados e subalternizados e traduziu-os em poesia. “Até que a escravatura passou/ (os escravos porém ficaram) / [...] e ficou-nos/ [...] a memória do colonialismo/ abismo sem fim de miséria servidão e ultraje” (DUARTE, 2005, p. 58). A escravidão que mudou de face e de nome na sociedade do século XXI e os ultrajes preconceituosos necessitam ser findados. A poetisa, ao mesmo tempo em que escreve sobre essa urgência, deu voz aos subalternizados.

Desse modo, Vera Duarte não apenas não deixa que a história da escravização impetrada pelo colonizador a partir do século XV seja esquecida, como reconstrói essa história pelo olhar do homem negro que sofreu a violência, também problematiza situações de violência que persistem contra os negros e todos os marginalizados do século XXI e por isso abre perspectivas para a revisão das pseudoverdades que têm colaborado para a persistência de atitudes de preconceito, de racismo e de discriminação.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2012.
- DUARTE, Vera. **Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança**. Coleção Poética e Razão Imaginante. Lisboa: Instituto Piaget 2005.
- MELLO, José Guimarães. **Negros e escravos na Antiguidade**. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **Vera Duarte e a busca desesperada da palavra perdida**. In: DUARTE, Vera. *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*. Coleção Poética e Razão Imaginante. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, pp. 23-32.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.